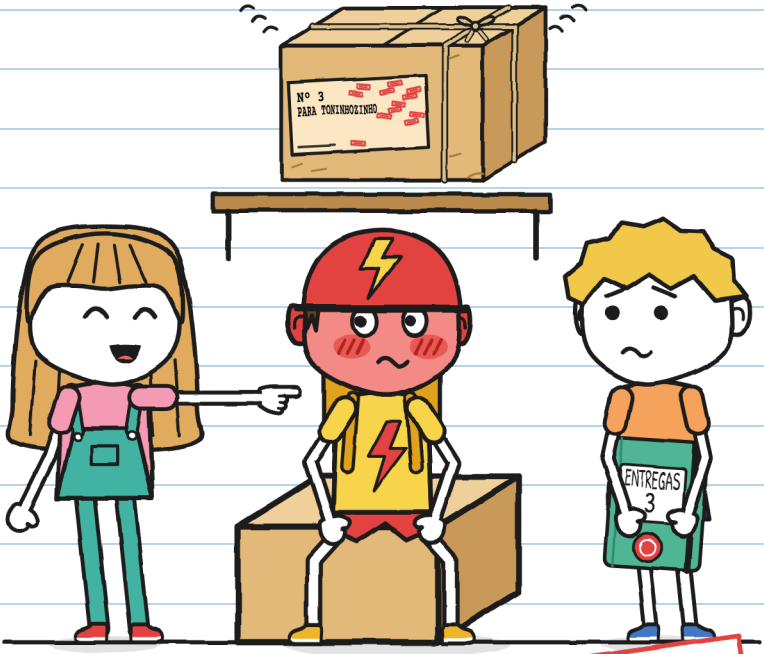
ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 3

Devolver, por favor

Lui Eriksson



(o caderno do Guto)

TAMANHO M
Nível intermediário · 9+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 3

Devolver, por favor

Texto e ilustrações: Lui Eriksson

TAMANHO M · Nível intermediário · 9+

Versão em português: LinguAula

Primeira edição: 2026

© 2026 Lui Eriksson · info@linguaula.com

Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

Terceiro livro da série. Os anteriores: "Este pacote morde" e "Não abrir antes do trovão".

LinguAula

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

Nenhum entregador se machucou ao escrever este livro. Vermelho, sim. —J.



E eu leio primeiro. –J.

Se você encontrar, devolva. Por favor.

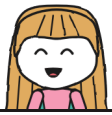
SÓ NA HISTÓRIA

Este carimbo marca o que só acontece na história: pacotes de verdade não voltam voando. Com uma bicicleta de verdade, quem manda é a página 76. –J.

QUEM É QUEM



Guto. Entregador dos sábados. Desenha coisas que ninguém pediu. Este caderno é dele.



Júlia. Escreve em verde e assina J. Sempre sabe como ajudar. Esse é o problema.



Toninho. Entrega pela RAIO, de bicicleta. Em dez minutos ou de graça. Fica vermelho por partes.



Mara. A dona da Entregas Impossíveis. Usa chapéu de bruxa. Sabe mais do que diz.



Zoe. Da RAIO. A mais rápida. Dá os apelidos.



Bruno. Da RAIO. Furou o pneu uma vez. Faz dois anos.



O pacote nº 3. Toca quando mexem nele. Na etiqueta só tem um nome.

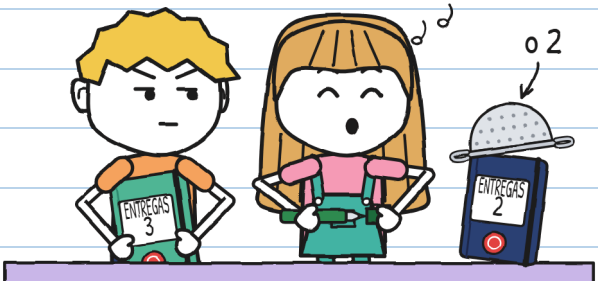


R. Manda os pacotes que ninguém consegue entregar. Ninguém diz o nome de R.

CADERNO DE ENTREGAS 3
do Guto

SECRETO.

"Secreto" quer dizer que eu leio primeiro. E não conto para ninguém. –J.



O caderno 2 acabou numa tempestade só. Este é verde e também tem o carimbo da loja. Eu é que ia estrear. Quem estreou foi a Júlia.

Estreei para te ajudar. De nada. –J.

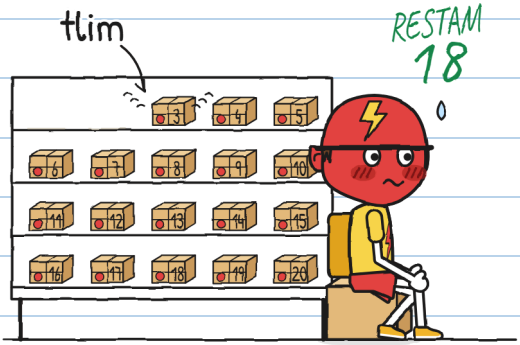
Eu não pedi ajuda. Com a Júlia, tanto faz.

CAPÍTULO 1

Tlim

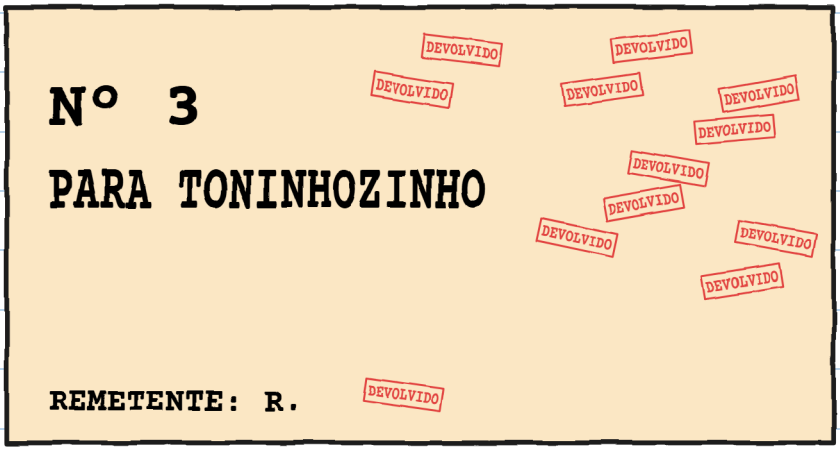
Na loja da Mara tem pacotes que ninguém conseguiu entregar. Ficam numa estante. Eram vinte. A Júlia e eu entregamos dois: um ovo de dragão e umas sementes que corriam. Restam dezoito.

Na noite da tempestade, quando a gente já estava indo para casa, um dos pacotes tocou.
Tlim.



Era o nº 3. E o Toninho, que entrega pela RAIO em dez minutos ou de graça, ficou da cor do capacete.

Os devolvidos voltam voando para a estante ao amanhecer se ninguém assinar. Só vale a assinatura de quem recebe o pacote, na etiqueta, com tinta que não apaga. R. é o remetente: quem manda todos.



Júlia começou a ler a etiqueta:

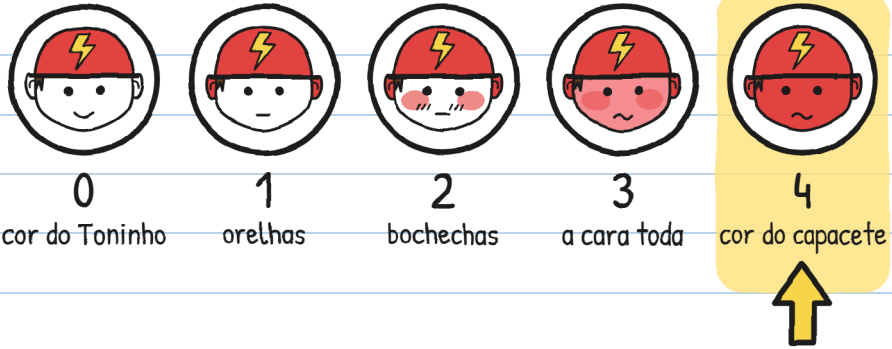
— Para To...

E fechou a boca. Júlia nunca fica calada no meio de uma palavra. Olhei para Toninho: ele estava ficando vermelho.

Li só metade. A outra metade eu engoli. —J.

Tem gente que fica vermelha de uma vez. O Toninho, não: ele fica vermelho por partes. Eu anotei.

VERMELHÔMETRO DO TONINHO



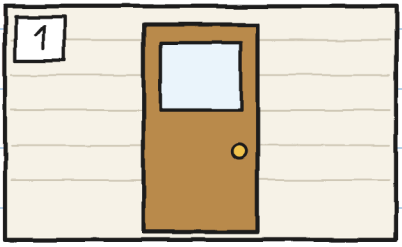
— Esse pacote pode esperar — disse Toninho, bem depressa. — Está esperando há anos, né? Então mais um dia. Ou dez. A RAIO não tem pressa.
Era a primeira vez que eu ouvia alguém da RAIO dizer isso.

Naquela noite: 4. Eu anotaria em vermelho. Só tenho verde. —J.

— Hoje à noite não se abre nada — disse Mara. — E ninguém mexe na estante sem permissão.
Ninguém mexeu. O tlim tocou outra vez.
Tlim.
— Foi a porta! — disse Júlia.

Quando eu não entendo uma coisa, faço uma lista.

SUSPEITOS DO TLIM



a porta



a bicicleta do Toninho



o sapo de borracha



o nº 3

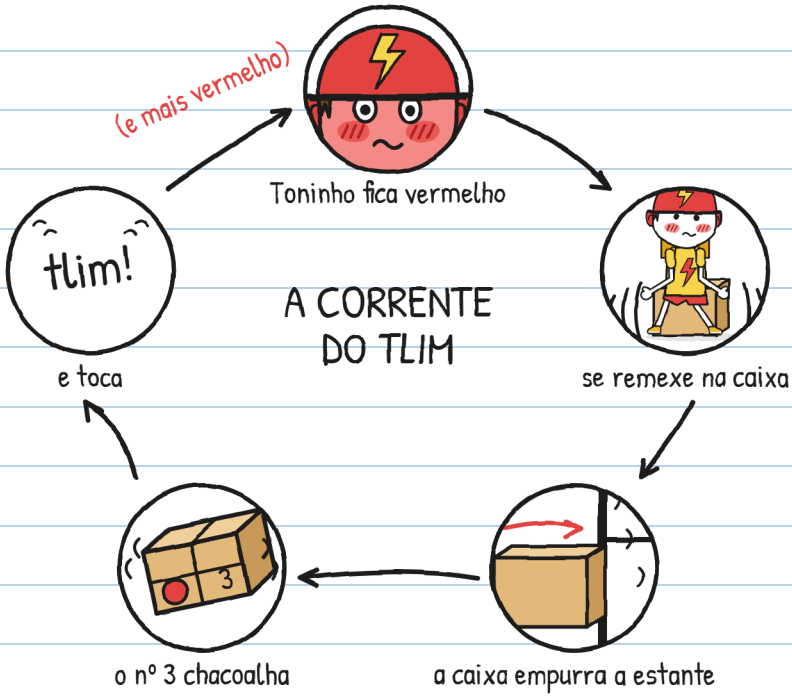
O sapo é inocente. Eu conheço bem. —J.

Saí na calçada para testar os sons. Já não chovia.
Abri e fechei a porta: nhiiic. Toquei a campainha da bicicleta do Toninho: TRIIIM! Apertei o sapo: quic.



Lá dentro, Júlia dizia que não com o dedo. Nenhum soava igual.
Entrei. Toninho se remexeu, sentado na caixa dele.
Tlim.

Eu me abaixei. A caixa do Toninho estava encostada no pé da estante.



Não era magia. Era o Toninho.
Alguma coisa toca dentro do nº 3 quando mexem no pacote.

Como eu. –J.

Toninho decidiu ficar quieto. Durou isto:

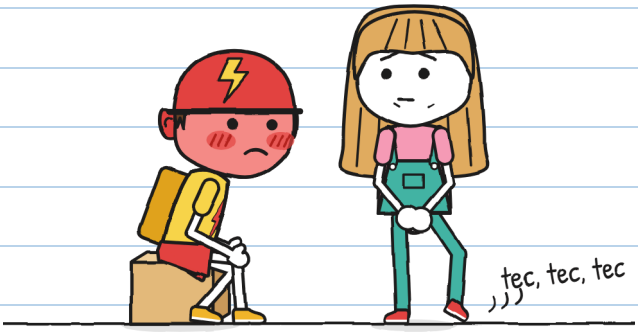


Era só uma pergunta. Pergunta não empurra estante. –J.

Essa, sim.

— Era eu — disse Toninho, olhando para os próprios tênis. — Quando eu era pequeno.
Ele falou tão baixinho que o sapo ouviu melhor do que eu.

Júlia abriu a boca. Queria fazer um monte de perguntas. Olhou para Toninho, que continuava olhando para os próprios tênis. E fechou a boca.

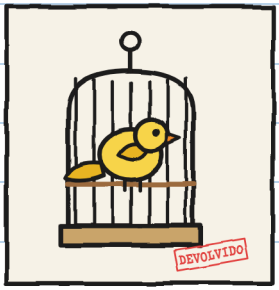


— Não pergunto mais — disse Júlia.
Foi difícil. Deu para ver no pé dela.

Perguntas que eu não fiz: nove. Tenho todas anotadas. —J.

— E por que você nunca entregou? — perguntei à Mara.
— Já levei doze vezes. Olha a etiqueta: nem rua, nem número da casa, nem sobrenome. Tentei com todos os Toninhozinhos que encontrei.

OS TONINHOZINHOS DA MARA



1. Um canário.
(Pisou na etiqueta. Não vale.)



2. Don Antonio, 71 anos.
("Quem me dera".)



3. Uma barca do canal.
(Não tem mãos.)

— E o Toninho? — perguntou Júlia.
— Da última vez que tentei entregar o pacote, eu ainda não conhecia o Toninho — disse Mara, e olhou para ele. — E ninguém me disse como ele era chamado de pequeno.

Mara tirou um pano roxo de baixo do balcão. Cobriu o nº 3 como se cobre a gaiola de um papagaio na hora de dormir. Depois afastou a caixa do Toninho dois palmos da estante.

— Pronto. Agora você pode se mexer à vontade.



Toninho podia ir embora. A bicicleta estava na porta. Em dez minutos, podia estar do outro lado do bairro.

Voltou a sentar.

Não sei por quê. Anoto assim mesmo. A caixa dele não tem encosto, então desenhei um.

Ninguém pediu um encosto. —J.

Quando a loja fechou, Toninho ficou por último, afivelando o capacete.

— Mara. Amanhã eu venho falar disso. Mas em particular.

— Esses dois são da loja.

Toninho olhou para nós.

— Esses, tudo bem. Mas ninguém da RAIO.



O tlim já tinha dono: Toninho. Faltava saber se ele queria o pacote.

Eu já sei como ajudar o Toninho. —J.

É isso que me preocupa.

CAPÍTULO 2

Eu não disse que sim

Aos domingos a loja não abre. Mara deixou a porta de enrolar meio aberta e pôs um cartaz: FECHADO (menos para você).

Toninho chegou às onze. Antes de entrar, olhou para um lado da rua e para o outro, como quando você vai atravessar. Não vinha ninguém da RAIO.



A gente chegou às dez e meia. Por via das dúvidas. –J.

Mara pôs o nº 3 no balcão. Tirou o pano. Falou como quem lê um cartaz:

— Pacote número três. Para Toninhozinho. É você?

— Era.

— Serve. Você quer?

Toninho olhou para a caixa. A caixa não disse nada.

— Eu não disse que sim.

— Também não disse que não.

— Eu disse que não disse que sim.



Três frases para não assinar. Contei todas. —J.

Toninho pegou a caixa como se pega uma panelinha pelando. Pesou. Virou. Chegou perto da orelha e sacudiu um pouquinho.
Tlim.
Largou depressa.

— E se ele levar para casa? — disse Júlia. — Se o pacote dorme na casa do Toninho, já está entregue. É pura lógica.
— O carimbo de volta não funciona por lógica — disse Mara. — Funciona por tinta.

CONTA COMO ENTREGA?		
	Olhar	NÃO
	Segurar	NÃO
	Levar para casa	NÃO
	Assinar a etiqueta com tinta que não apaga	SIM

O carimbo e eu não pensamos igual. —J.

— Júlia, Guto: essa entrega é de vocês — disse Mara.

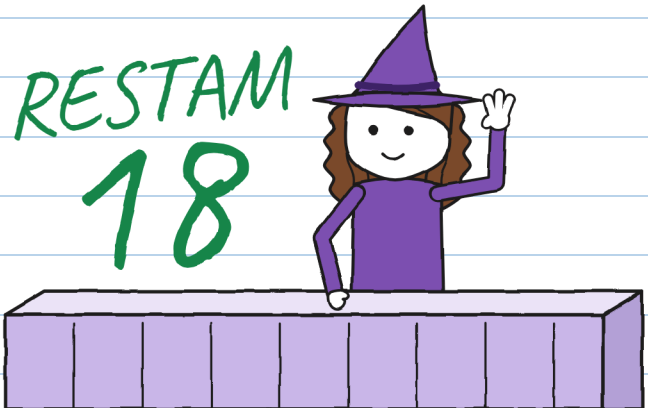
— Como a do trovão. Com três condições.

Ela contou nos dedos:

1. Vocês não abrem a caixa. A etiqueta continua colada.
2. O nº 3 só sai da loja se o Toninho pedir.
3. Quem recebe assina, se quiser. Sem assinatura, o pacote volta ao amanhecer. Aqui não aconteceu nada.

— E se ele nunca quiser? — perguntou Júlia.

— Então nunca.



"Nunca" não é uma data de entrega. —J.

Toninho ficou calado um bom tempo. Júlia marcou o tempo: quatro minutos. Para a RAIO, quase meia entrega.

— Eu levo — disse Toninho, por fim. — Fechada. Para pensar. Por enquanto.
— É você que está pedindo? — perguntou Mara.
— Sou eu que estou pedindo.

Anotei como o nº 3 saiu. Assim ninguém podia dizer outra coisa:

FICHA DE SAÍDA

- [x] Caixa: fechada
- [x] Etiqueta: colada
- [x] Quem pede: Toninho
- [ ] Assinatura: ainda não



Lá fora, Toninho pôs o nº 3 na cestinha da bicicleta. Ao largar, tocou: tlim.

Ficou olhando o guidão, onde fica a campainha da RAIO. Parecia ter se lembrado de alguma coisa.

— O que foi? — perguntou Júlia.

— Nada.

Toninho foi embora a pé, com a bicicleta na mão. Ele nunca vai a pé.



Esse "nada" era um "alguma coisa". Precisamos ajudar. —J.

Da porta, vi duas bicicletas da RAIO paradas na esquina.

— Toninho! O que você leva na cestinha? — gritou uma menina com uma trança até a cintura.

— Uma entrega.

— Para quem?

— Para um cliente.

Não mentiu. Antes de responder, virou a caixa: a etiqueta para o lado dele. A RAIO não podia ler.



Agora entendo aquilo de "ninguém da RAIO". –J.

Naquela noite, deixei a persiana do meu quarto levantada. Moro em frente à loja: se o nº 3 voltasse, eu ia ver.

— Guto? — disse minha mãe, do corredor. — O que você está fazendo acordado?
— Estou vigiando um pacote.
— Ah. Bom. Mas vigia de pijama.



Eu também queria vigiar. Minha janela dá para um pátio. —J.

Ao amanhecer, primeiro deu para ouvir o nº 3, depois para ver.

Tlim, tlim, tlim.

Vinha por cima dos telhados, sem pressa, tocando como o carrinho de sorvete. Três janelas se acenderam. Um cachorro latiu. O nº 3 entrou pela janelinha em cima da porta, a que a Mara deixa aberta para isso.

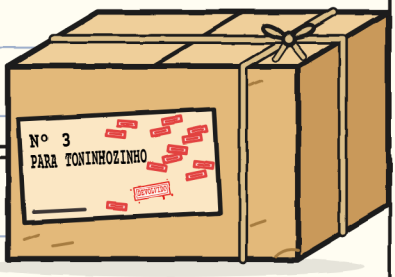


Depois da escola, fomos à loja. O nº 3 estava na prateleira dele. Tinha mais um carimbo: treze.

VOLTAS DO Nº 3

Nº 13 segunda, ao amanhecer tocando

ouvimos: minha mãe, meio bairro, o cachorro do 4 e eu



— Não é castigo — disse Mara. — É a regra. Ninguém assinou, então ele volta.

Treze carimbos. Nesse ritmo, a gente não vai mais ver a caixa. —J.

Toninho veio às cinco e vinte, depois da entrega dele. Não perguntou pela volta do nº 3. De manhã, tinha ouvido o pacote passar por cima da casa dele.

Isso eu não vi. Ele me contou:

O QUE O TONINHO ME CONTOU



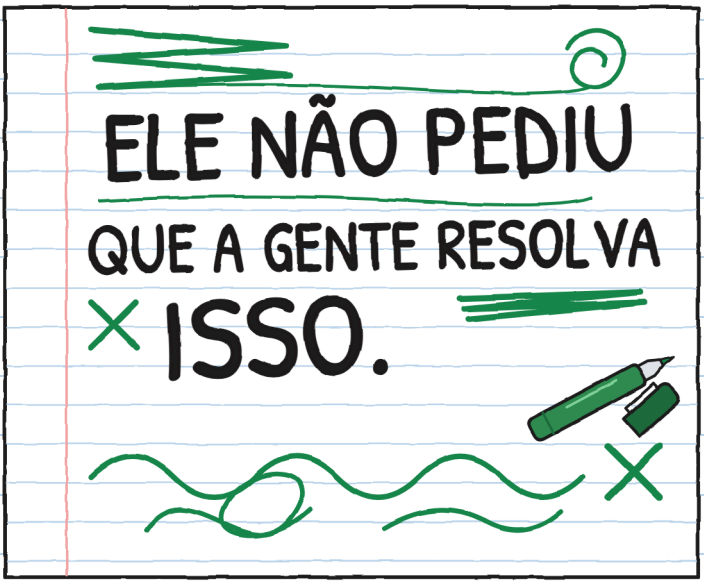
— Deixei no capacho. A noite toda.

— E por que você não levou para dentro de casa? — perguntou Júlia.

— Em casa já tem gente demais me chamando assim.

— Com uma assinatura, tudo se resolve — disse Júlia quando Toninho foi embora. — Uma só. Leva dois segundos. Eu medi com a minha.

Abri o caderno. "O verde não vai cobrir a minha frase", pensei. Escrevi de caneta, apertando:



Eu li. Não concordo. Por enquanto. –J.

Tenho outra ideia. Não me olha assim. –J.

CAPÍTULO 3

Autógrafos

Na terça, na saída da escola, tinha uma mesa na calçada, na frente da loja. Tinha uma toalha de mesa amarela até o chão e um cartaz com a letra da Júlia. No meio, tinha um volume coberto pela toalha.



— É um atril: um apoio para assinar com conforto — disse Júlia. — Eu coleciono autógrafos.

— Desde quando você coleciona autógrafos?

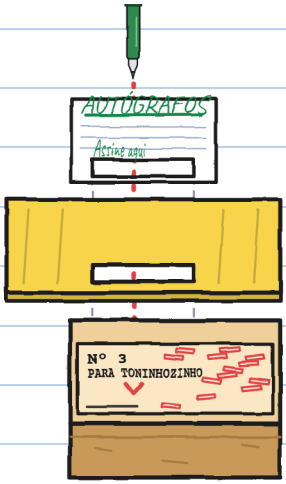
— Desde ontem.

Em cima do atril havia uma folha pautada. Embaixo, uma janelinha recortada com tesoura. A toalha tinha outra igual, bem embaixo.
Levantei uma ponta da toalha. O atril era o nº 3 deitado. As janelinhas deixavam ver a etiqueta virada para cima.

COMO FUNCIONA

1. A folha, com a janelinha.

2. A toalha, com o buraco.

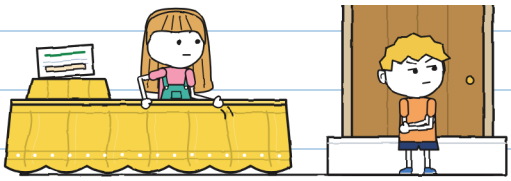


3. A etiqueta do nº 3, na parte que está em branco.
4. Quem assina na janelinha... assina a etiqueta.

— Com a minha canetinha — sussurrou Júlia, encantada. — Tinta que não apaga. Amanhã o nº 3 não volta. O Toninho vai descobrir quando a gente mostrar o pacote. Surpresa!

— O Toninho não pediu que o nº 3 saia da loja — eu disse. — Condição dois.
— Ele vai agradecer.
— E a Mara?
— Estava no telefone. Falei que é uma mesa de autógrafos. E é.
— E o atril?
— Isso ela não perguntou.

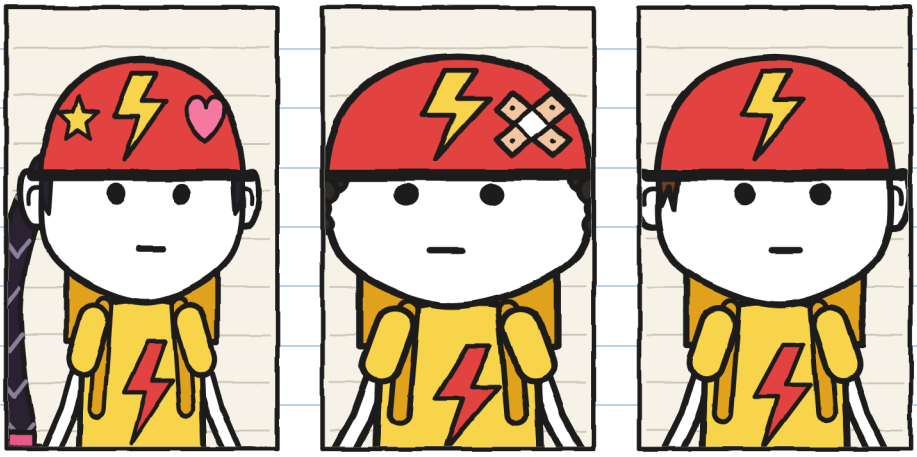
Lembrei a ela o caso da Flora e da oitava semente: Júlia não deixou a Flora assinar antes da hora.
— Não é a mesma coisa. Aquela entrega estava pela metade. Isto é um atalho: um caminho mais curto.
— Então faz você. Eu não.



Sentou no degrau. Muito digno. Não ajudou em nada. —J.

A RAIO passa pela nossa rua às cinco e dez. São três, em fila.

FICHAS DA RAIO



ZOE, "Foguete":
a mais rápida.
Dá os apelidos.

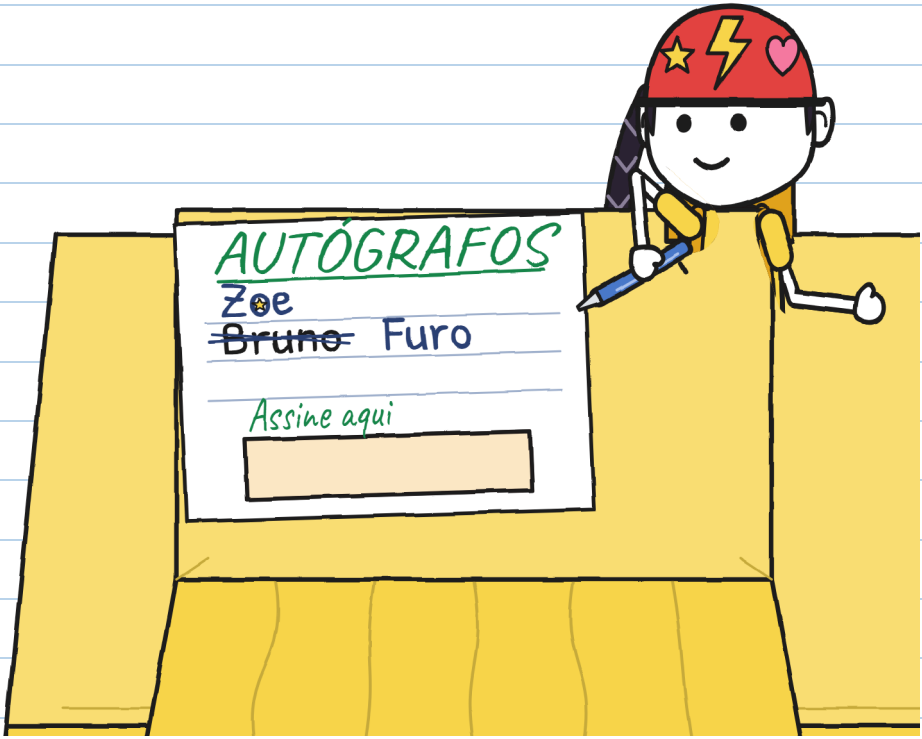
BRUNO, "Furo":
furou o pneu uma vez.
Faz dois anos.

TONINHO:
sem apelido.
Ainda não.

— Autógrafos? Os nossos? — disse Zoe. Freou e desceu da bicicleta.

Ninguém nunca pediu um autógrafo a eles. Por isso funciona. —J.

Zoe assinou primeiro, com uma estrela no o. Bruno escreveu "Bruno". Zoe riscou e escreveu "Furo".
— Na RAIO, apelido não sai — me explicou Bruno, sem se zangar. — Eu furei o pneu uma vez.

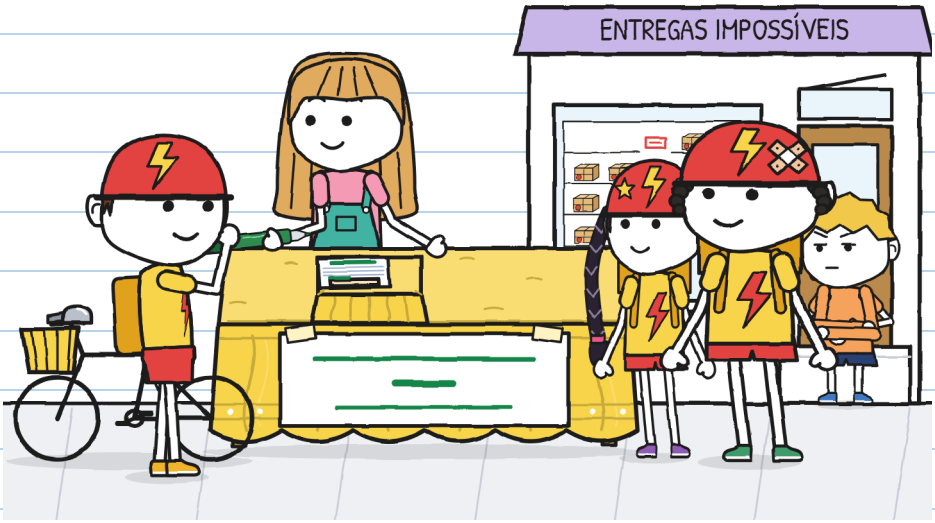


Toninho continuava na bicicleta. Olhava a mesa do mesmo jeito que olhou o nº 3 no domingo.

— É a sua vez, Toninho — disse Júlia. — Aqui embaixo, no quadrado. É o lugar de honra.

E deu a ele a canetinha verde dela.

Era a primeira vez que pediam um autógrafo ao Toninho. Ele desceu da bicicleta e ficou reto.



Do degrau, eu via tudo. "Não é problema meu", pensava.

E ficava calado.

Eu me levantei.

— Toninho, espe...

Cheguei tarde. Toninho puxou o atril de uma vez para assinar. Embaixo da toalha, algo soou antes do meu aviso:



Toninho levantou a toalha.



— "Para To-ni-nho-zi-nho" — leu Zoe, devagar, como quem lê um prêmio.

— Toninhozinho? — disse Bruno, e riu.

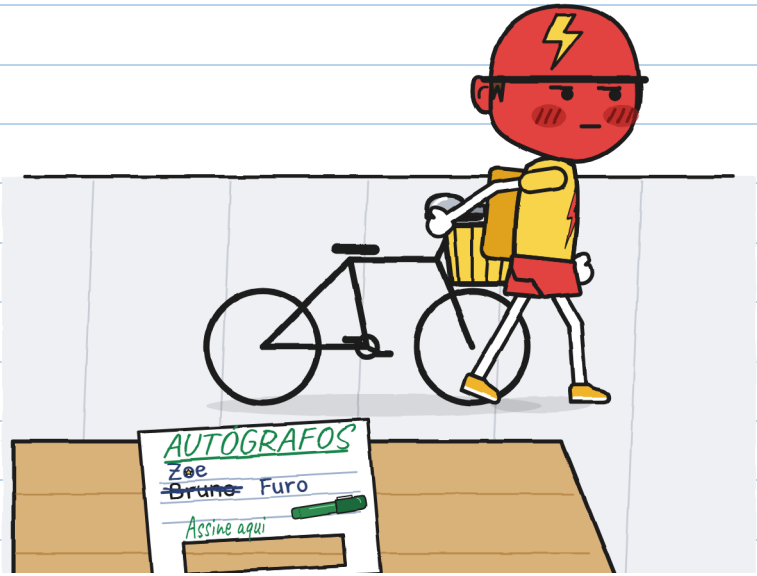
Zoe não riu. Zoe estava pensando.

Toninho não gritou. Pôs a tampa na canetinha, devagar, e deixou em cima da folha. Sem assinar.

— A RAIO não assina armadilha.

Pegou a bicicleta pelo guidão e foi embora a pé.

Ninguém foi atrás.



Estava da cor do capacete. Mas não era vermelho de vergonha. Era vermelho de raiva.

O vermelhômetro não tem número para esse. —J.

Mara saiu com o pano roxo. Não perguntou quem tinha tirado o pacote: olhou o vazio da prateleira, olhou a mesa e olhou para a Júlia.
Cobriu o nº 3 e levantou nos braços.
— Este pacote não está entregue — disse a Zoe e ao Bruno. — E o que a etiqueta diz é assunto do Toninho.



Foram embora sem tocar a campainha.

Ajudei a Júlia a recolher tudo: a toalha, o cartaz, a folha com duas assinaturas e um buraco. Não falei "eu avisei". Também não falei "não foi nada", porque foi alguma coisa, sim.

— Você não fez nada — disse ela.

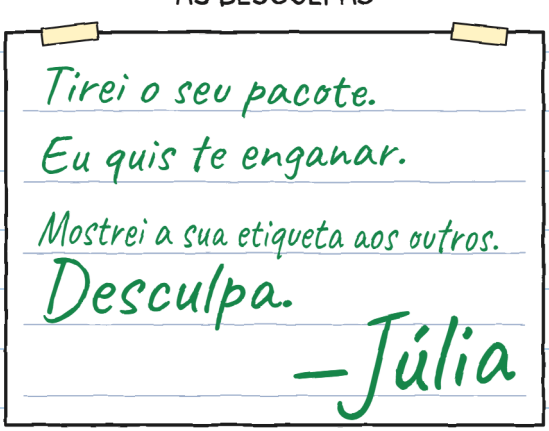
— Avisei tarde. Podia ter avisado antes. Ou chamado a Mara.



Depois Júlia entrou e, sem ajuda, contou tudo para a Mara: a janelinha, a toalha, a prateleira, o telefone.

— Para o Toninho — disse Mara — quem conta é você.

Na quarta, Toninho passou às cinco e dez e não freou. Às cinco e vinte passou de novo. Na terceira vez, Júlia estava no meio da calçada com um papel.



Toninho leu o papel sem descer da bicicleta.

– Tá bom. Eu li.

– Você me perdoa?

– Eu disse que li.

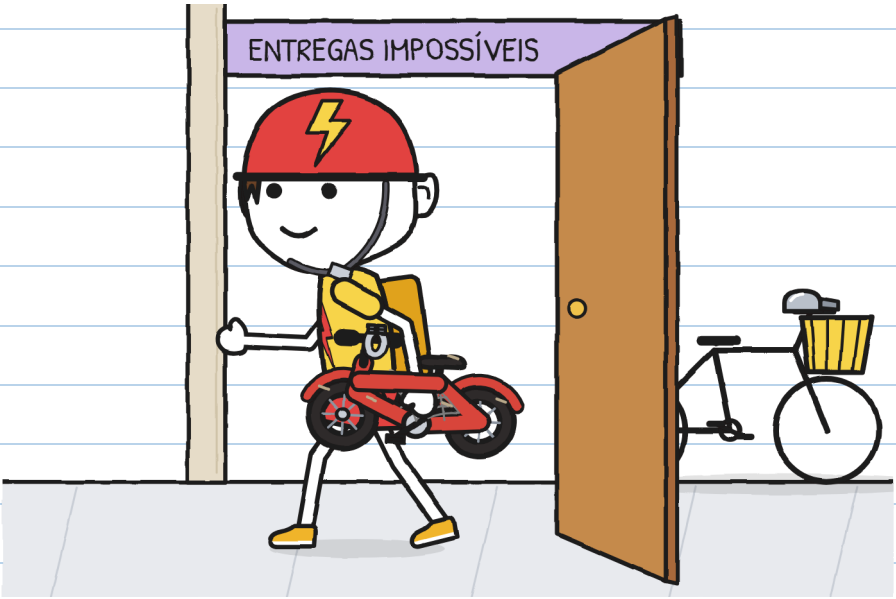
Naquela tarde Toninho não foi à loja. A caixa dele ficou vazia.

Assinei com o nome inteiro. Era o mínimo. – J.

CAPÍTULO 4

Uma bicicleta pequena

Na quinta, Toninho entrou na loja sem olhar para os lados da rua. Trazia uma bicicleta debaixo do braço.



Não era a dele. Ou era: a de quando era pequeno.

— Desde domingo, tenho um tlim na cabeça — disse Toninho. — Acho que reconheço o som. Quero ver se me lembro direito.

— Quero abrir o pacote. Aqui não. Num lugar sem vitrine.

Mara nos levou à sala dos fundos, o cômodo de trás.

— Abrir para olhar não é assinar — disse. — Sem assinatura, volta ao amanhecer.



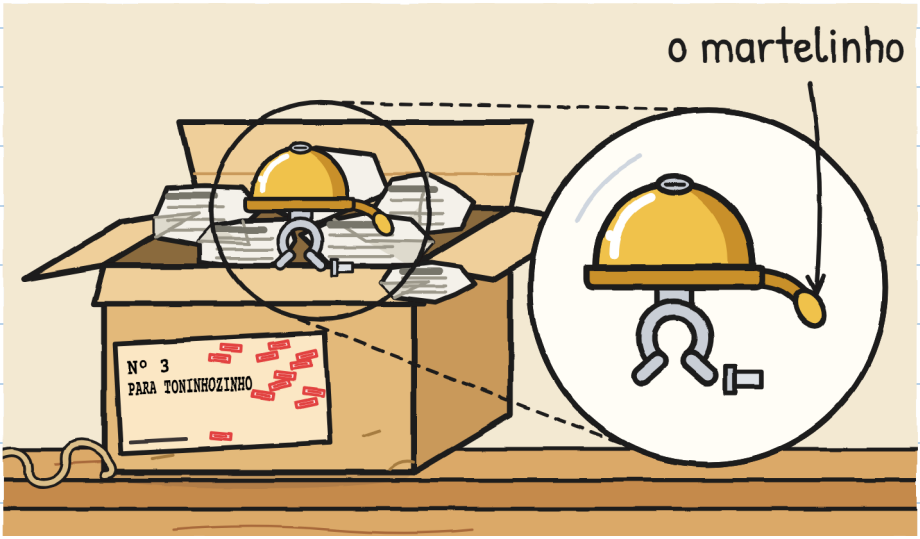
— Posso ficar? — perguntou Júlia. Ela perguntou.

Toninho demorou.

— Se você não mexer em nada.

— Nem na caixa nem no assunto.

Toninho desatou o barbante. Dentro tinha papel de jornal, tão velho que se rasgava sozinho. E no meio do papel...

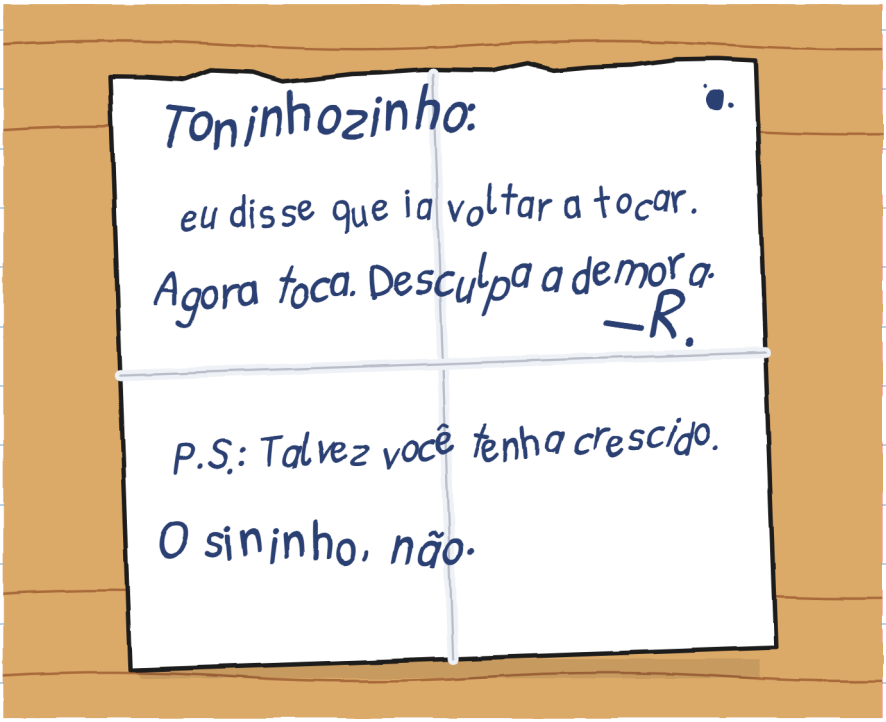


Um sininho de bicicleta. Pequeno, dourado, com um martelinho preso a uma mola: basta uma sacudida para tocar.

O nº 1 mordia. O nº 2 corria. O nº 3 só toca.

Nem dragão nem patas. Um sininho. Gostei. –J.

Embaixo tinha um bilhete dobrado em quatro.

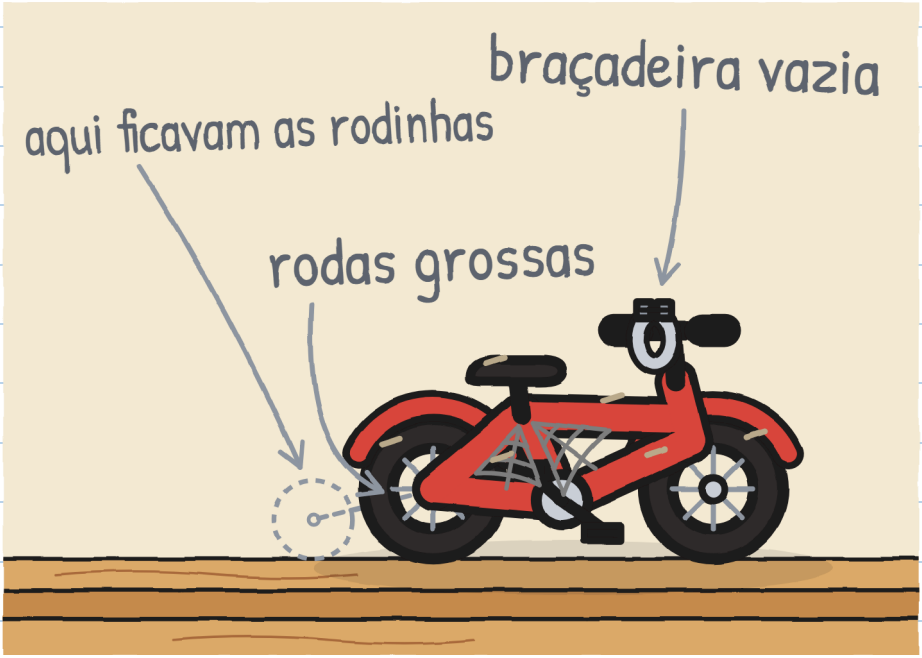


Toninho leu duas vezes.

— Que letra feia — disse. E mais nada, por um bom tempo.

R. cumpre tarde. Foi a Flora que disse. Não disse QUANTO. —J.

Então Toninho pôs a bicicleta pequena em cima da mesa.

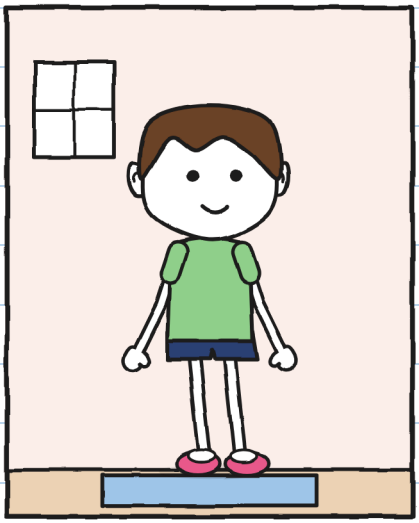


— Era minha. Tinha este sininho, preso na braçadeira. Um dia o sininho parou de tocar: clac. Alguém disse: "Dá aqui, Toninhozinho. Eu conserto e devolvo".

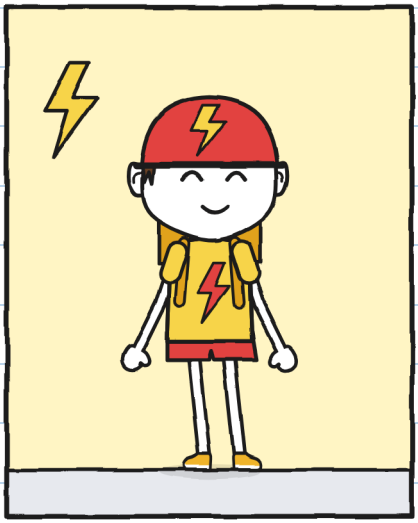
— Quem? — perguntou Júlia sem querer, e tapou a boca.

— Não lembro da cara. Lembro do sininho. E que esperei muito.

— Em casa continuam me chamando de Toninhozinho — disse Toninho. — Na RAIO, não. Na RAIO eu sou Toninho: fui eu que escrevi na ficha, no primeiro dia.
— E o que tem de ruim em Toninhozinho? — perguntei.
— Nada. Até a Zoe falar. Na RAIO, apelido não sai. Olha o Bruno.



EM CASA: Toninhozinho



NA RAIO: Toninho

— O Bruno me chamou de Toninhozinho seis vezes desde terça — acrescentou Toninho.
Júlia se encolheu no canto dela.

— Você ainda cabe? — perguntou Júlia. Não conseguiu evitar.

Mara pôs a bicicleta no chão. Toninho sentou.



Cabia. Mais ou menos.

Mara fez um barulho. Parecia uma risada. Toninho riu também. Não o via rir desde sábado.

Vermelhômetro: 0. Anoto porque isso também conta. —J.

— Na sua bicicleta de agora já tem uma campainha — eu disse. — A da RAIO. Você não precisa pôr este sininho nela. Pode guardar. Ou deixar que volte.
— Eu sei — disse Toninho. Mas olhou para mim. Parecia ouvir aquilo pela primeira vez.

Júlia ficou onze minutos calada, ouvindo, com a canetinha guardada.





11 min

Onze minutos. Minha língua dormiu. —J.

— Quero experimentar sozinho — disse Toninho.
Saímos Mara, Júlia e eu. Toninho fechou a porta da sala dos fundos.

Júlia foi para o outro lado da loja para não ouvir. Eu, para não ouvir, desenhei: o assento do Toninho agora tem dossel, um teto de pano. Ouvi do mesmo jeito.



Tlim.
Era o mesmo tlim de sábado. Depois, outro. E depois nenhum, por muito tempo.

Quando Toninho saiu, levava o sininho numa mão e a caixa debaixo do braço.

— Levo tudo até amanhã. Sem assinar.

— Então, ao amanhecer, volta — disse Mara.

— Que volte. Quero saber como é ficar com isso uma noite.

— E se o Toninho deixar o sininho fora da caixa? — perguntei.

— Nunca testei — disse Mara. — E não pretendo testar às sete da manhã.

Toninho guardou o sininho e o bilhete dentro da caixa.



Até amanhã faltam catorze horas. Pretendo contar todas. —J.

Na sexta, minha rua tocou outra vez: tlim, tlim, tlim.
Volta nº 14.
O que aconteceu na noite anterior eu não vi. O Toninho me contou:



— Desta vez o nº 3 não dormiu no capacho. Dormiu no meu criado-mudo. Ao amanhecer, começou a bater no vidro, e eu abri a janela.

Abriu a janela para um pacote. Que educado. —J.

Desenhei juntas as duas bicicletas do Toninho. Pus o sininho na bicicleta de agora. Ficou muito bom. Júlia colou um bilhetinho em cima do sininho desenhado.



antes agora

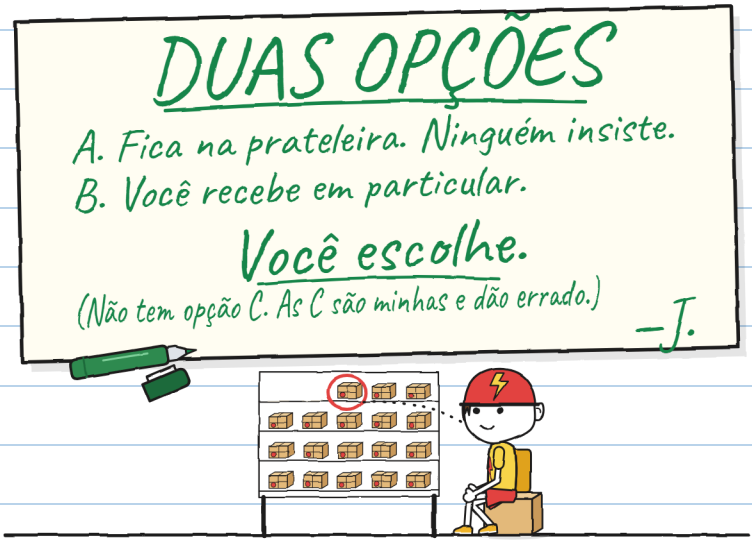
Ela tinha razão. Isso me chateia um pouco.

CAPÍTULO 5

Em particular

Na sexta à tarde, o nº 3 estava na prateleira, com catorze carimbos. Toninho, sentado na caixa dele, olhava de longe.

Fazia dois dias que Júlia preparava alguma coisa. Temi outra confusão.
Era uma folha com duas opções.



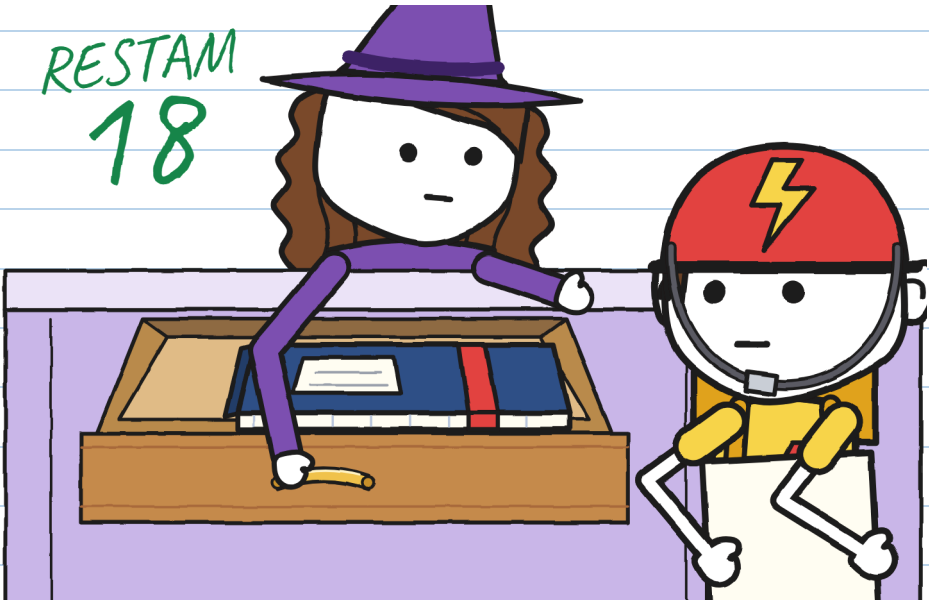
Toninho leu a folha. Depois olhou para Mara.

— Se eu assinar, quem fica sabendo?

— Eu. E o meu livro de registro, o das entregas. Ele não sai desta gaveta.

— E a RAIO?

— Não vou contar para a RAIO. Um registro não é um cartaz.



O cartaz tem números. Os nomes ficam na gaveta. —J.

Toninho se levantou da caixa.

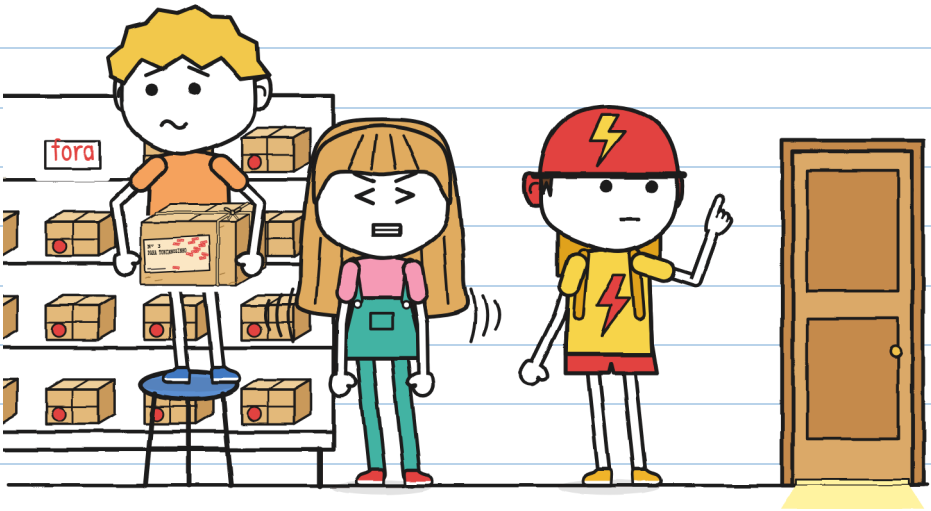
— A B.

Júlia não pulou. Eu vi: ela não pulou.

— Na sala dos fundos — continuou Toninho. — E quero vocês lá. Os dois.

— Eu também? — perguntou Júlia.

— Você quer que eu assine mais do que ninguém. Prefiro ter você na minha frente.



Na sala dos fundos, Toninho tirou de novo o sininho e o bilhete. Olhou devagar, com muito cuidado.

— Antes de assinar, eu olho o que assino — disse, sem olhar para ninguém.

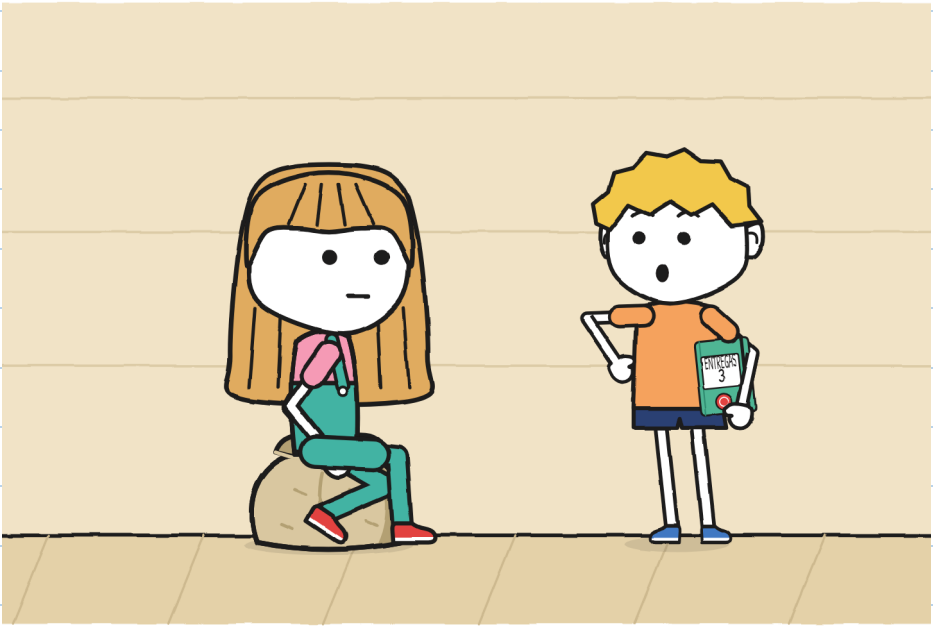
Júlia ficou da cor da camiseta dela.



Júlia deu a canetinha verde ao Toninho. Sentou num saco no canto.

— O que você está fazendo? — perguntei.

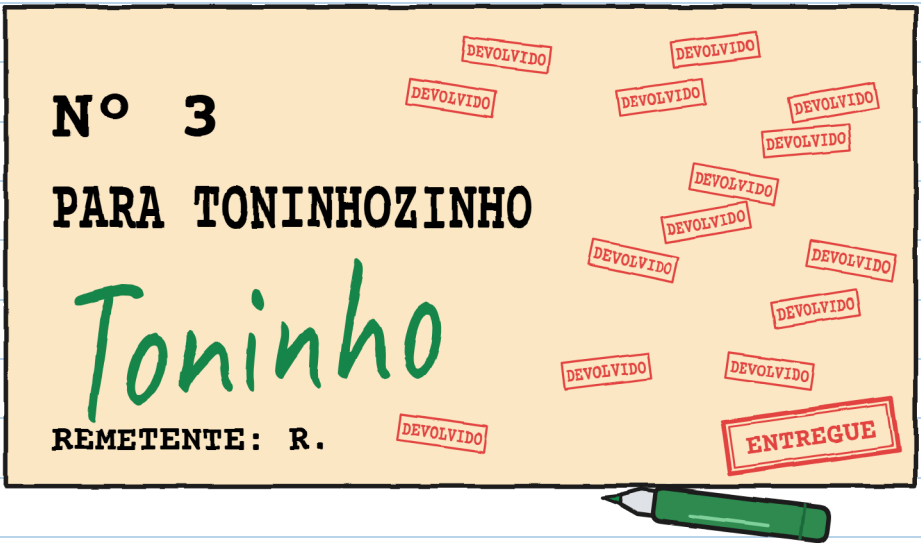
— Estou sentada em cima das minhas mãos. Para não ajudar.



Fechei o caderno e botei debaixo do braço.

Depois ele anotou tudo. —J.

Toninho tirou a tampa da canetinha e assinou.



Na etiqueta estava "Toninhozinho". Na assinatura, "Toninho".

— Pode ser assim? — perguntou à Mara. — Não é o mesmo nome.

— Assina quem recebe — disse Mara. — E quem recebeu foi você.

Mara anotou a entrega no livro dela. Júlia já estava com o banquinho azul na mão. Largou no chão.

— Posso mudar o cartaz? — perguntou. Perguntou ao Toninho, não à Mara.

Toninho olhou o cartaz.

— Só tem um número.

— Só.

— Tá bom.



Perguntei primeiro. Só para constar. –J.

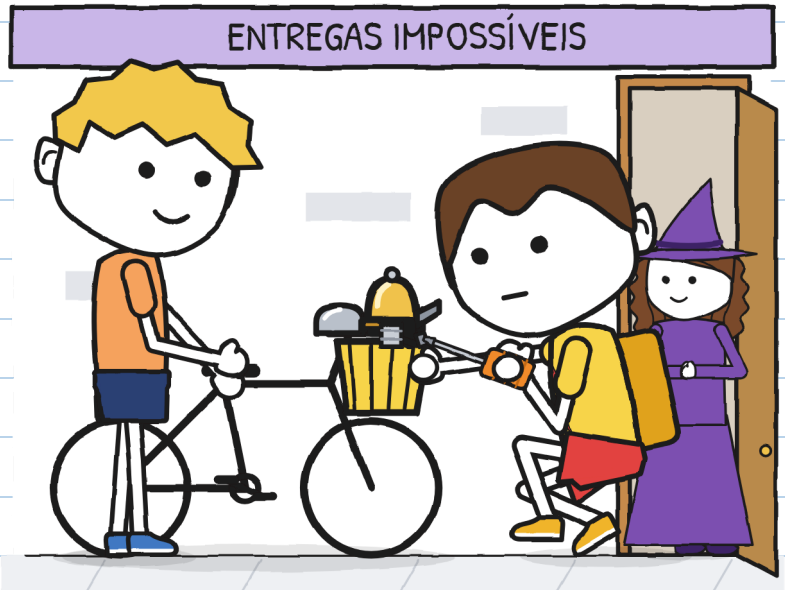
Toninho saiu para a calçada. Apoiou a bicicleta na parede. Tirou uma chave de fenda da mochila.

— Você vai pôr o sininho? — perguntei.

— Vou.

— E a campainha da RAIO?

— Essa é da RAIO. Este é meu.



Toninho colocou o sininho. Eu só segurei a bicicleta. E porque ele pediu. Toninho tocou o martelinho com um dedo.

Tlim.

Às cinco e dez, a RAIO passou. Bruno freou.

— O que está tocando?

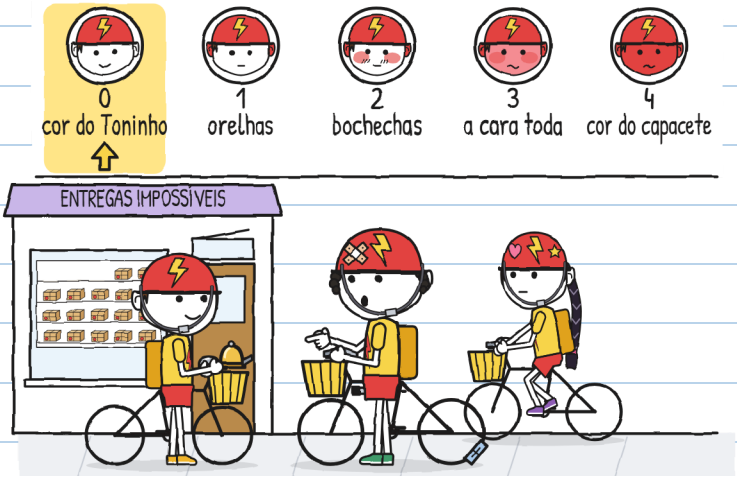
— Um sininho.

— De onde saiu?

— Era meu.

— De quando você era Toninhozinho?

Olhei o rosto do Toninho. Nada de vermelho. Nem as orelhas.



— De quando me chamavam assim. Agora me chamo Toninho. E você, como se chama?

— Fu... — Bruno se interrompeu. — Bruno.

— Isso mesmo, Bruno.

Bruno levantou a cabeça. Na RAIO fazia dois anos que ninguém o chamava de Bruno.

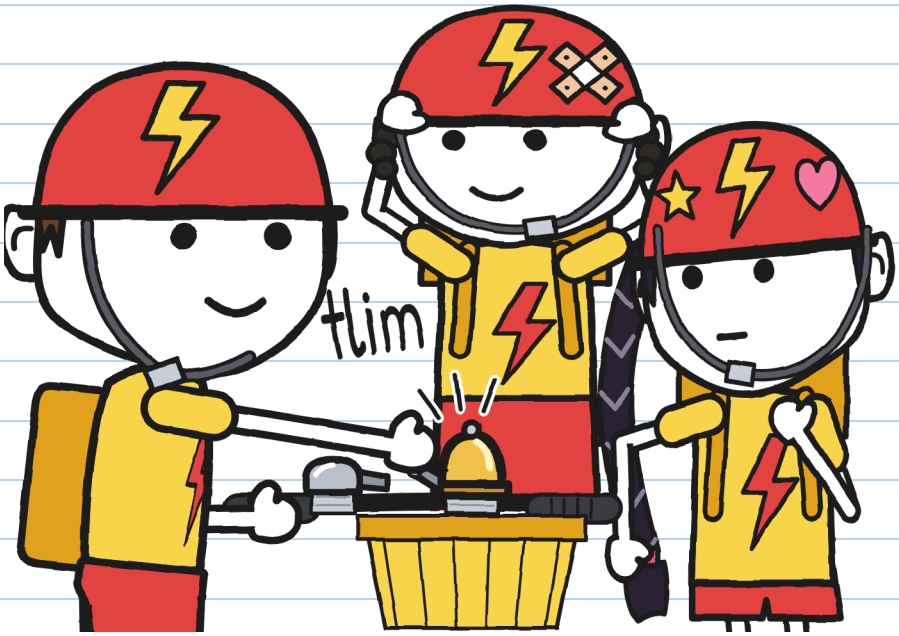
Zoe abriu a boca.

Toninho bateu no martelinho. Uma vez.

Tlim.

Zoe fechou a boca. Pensou.

— Soa bem — disse. — Estamos atrasados, Toninho.



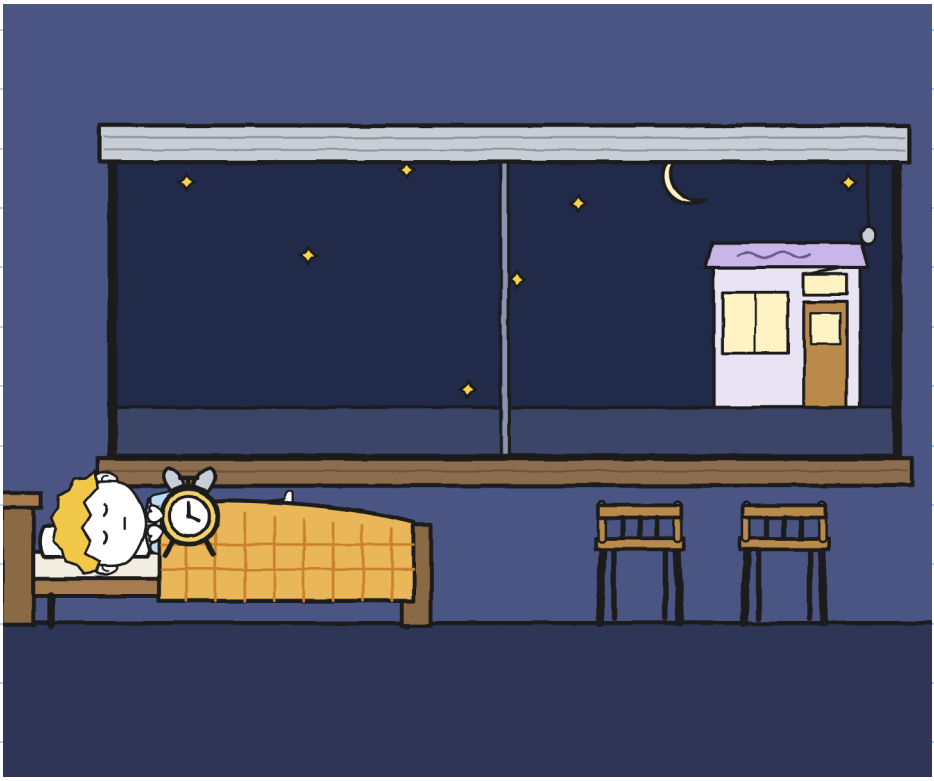
Disse "Toninho". Sem acrescentar nada. —J.

Naquela noite, deixei a persiana levantada de novo.

— De novo vigiando? — perguntou minha mãe.

— Hoje eu vigio para não acontecer nada.

— Isso eu sei fazer muito bem. Dorme.



Dormi com a canetinha destampada. Meu travesseiro ficou verde. —J.

Amanheceu.

Nada tocou.

Nem um tlim, nem uma janela acesa, nem o cachorro do 4.

É o silêncio mais bonito que já ouvi na minha rua.

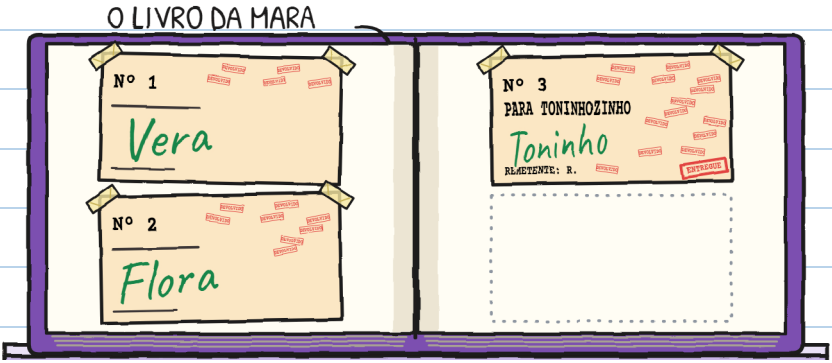


CAPÍTULO 6

Por enquanto

No sábado, às dez, desenhei a estante: dezessete pacotes e três espaços vazios.

Mara colou a etiqueta no livro dela, junto com as outras duas.



Um ovo, umas sementes e um sininho. Os três chegaram tarde. Os três chegaram.

O terceiro quem assinou foi o Toninho. Desta vez eu só passei a canetinha. –J.

Toninho sentou na caixa dele e se remexeu. Dessa vez, não olhou para a estante.

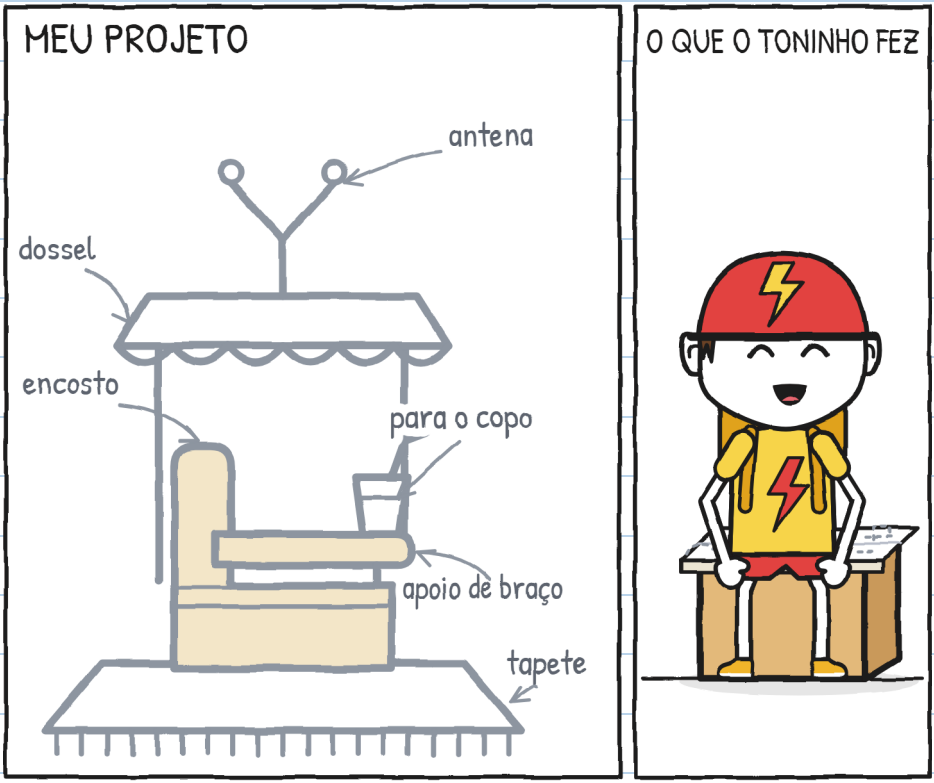
— O assento continua sendo "por enquanto" — disse Mara.

— Por enquanto me serve — disse Toninho.



"Por enquanto" pode durar anos. Pergunta ao nº 3. —J.

Mostrei ao Toninho o meu projeto para o assento dele. Levei a semana toda.



— Me dá? — disse.

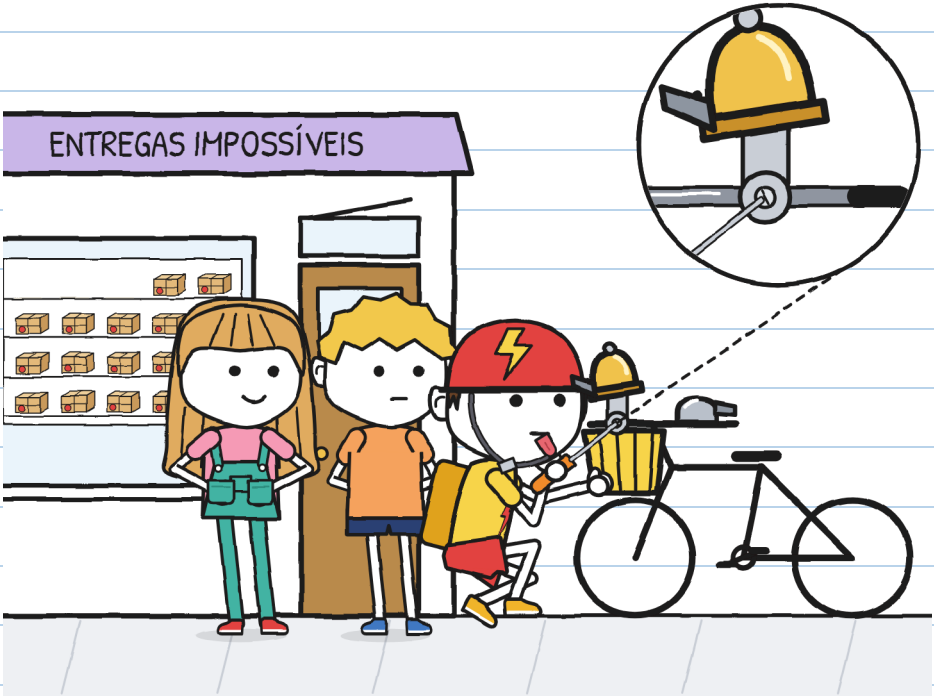
Dobrou o desenho em quatro. Pôs em cima da caixa e sentou.

Lá fora, o sininho estava torto no guidão.

— Eu seguro enquanto você aperta — eu disse.

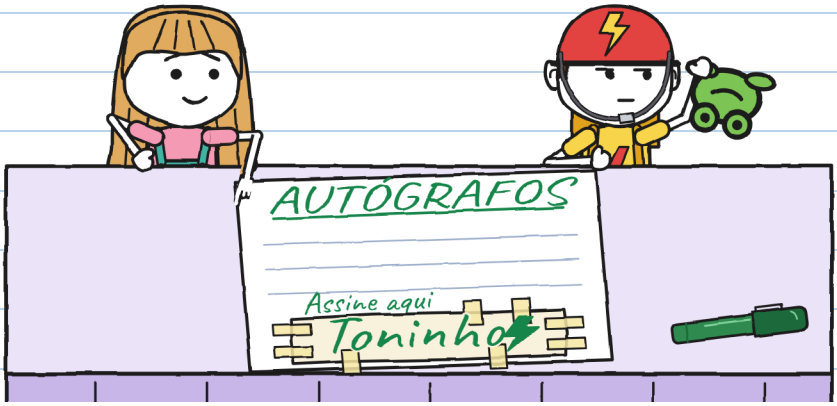
— Eu consigo.

Ele conseguiu. Eu olhava aquele parafuso. Parecia ter cem voltas.



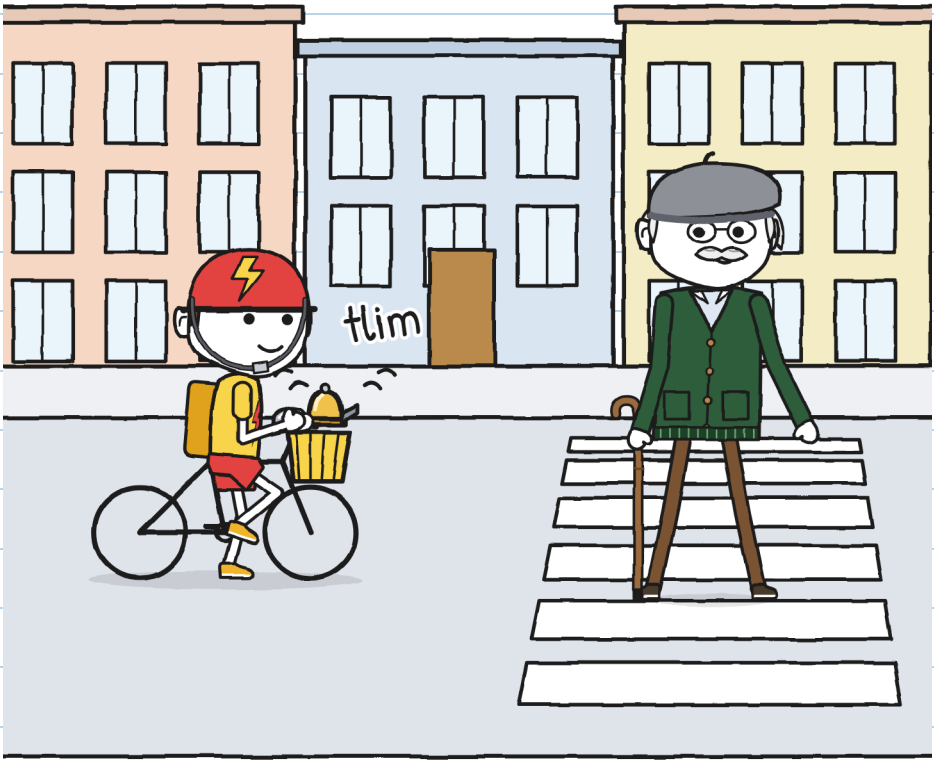
Júlia pegou a folha dos autógrafos. A janelinha estava tapada com um remendo de papel e muita fita adesiva.

— É a da armadilha — disse à Mara, sem esperar que ela perguntasse. — Eu consertei.
Depois pôs a folha na frente do Toninho.
— Você me dá um autógrafo? De verdade. Sem nada embaixo.
Toninho olhou embaixo da folha. Olhou embaixo do balcão. Virou o sapo de cabeça para baixo.
— Tá bom.



Eu mereço. —J.

Ao meio-dia, Toninho saiu para uma entrega. Um senhor de boina atravessava devagar, com a bengala. Toninho freou. Esperou. Tocou o sininho uma única vez. Como quem diz: "Estou aqui".
Tlim.



O senhor levantou a bengala para cumprimentar e seguiu no passo dele.

— É Don Antonio — disse Mara. — O Toninhozinho número dois da minha lista.

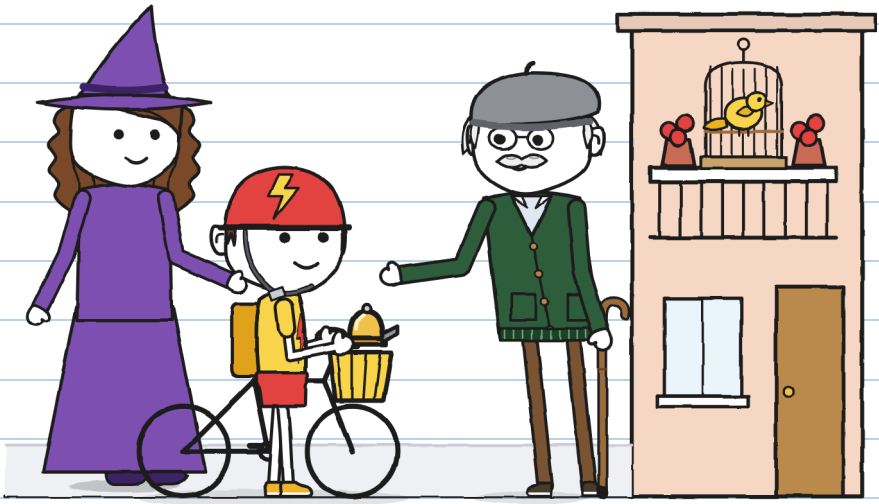
— Esse sininho é novo? — perguntou o senhor, já na nossa calçada.

— É velho — disse Toninho. — Era meu. De quando me chamavam de Toninhozinho.

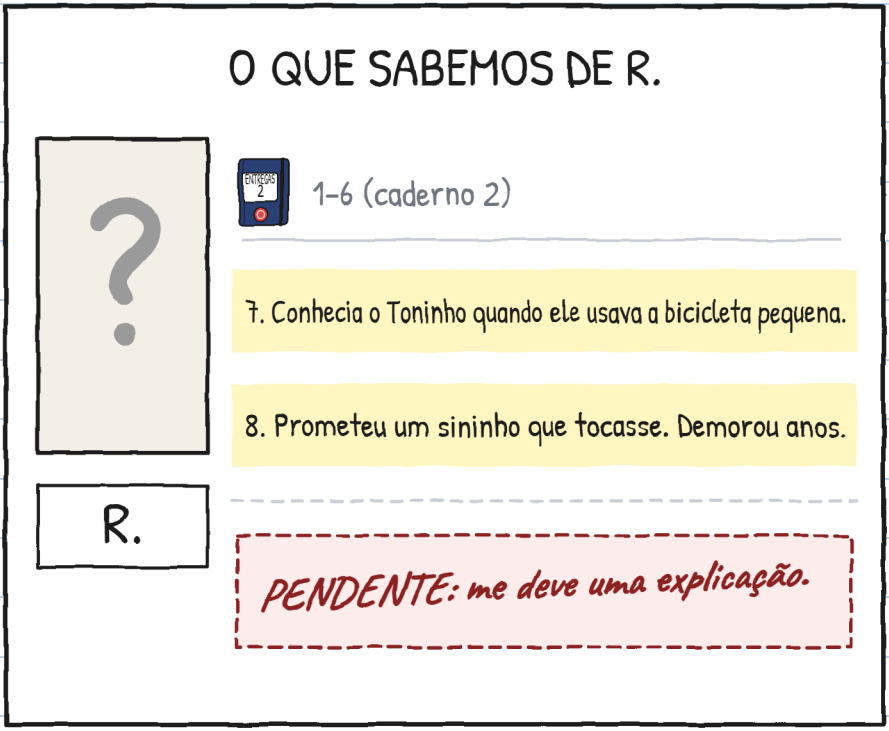
— Para mim faz sessenta anos que ninguém me chama de Toninhozinho. Se quiser, a gente troca: você, Don Antonio; eu, Toninhozinho.

Toninho pensou.

— Por enquanto, não.



Peguei a ficha de R. Já tinha seis pistas nela. Acrescentei duas. Toninho me pediu a caneta e escreveu embaixo, com a letra dele.

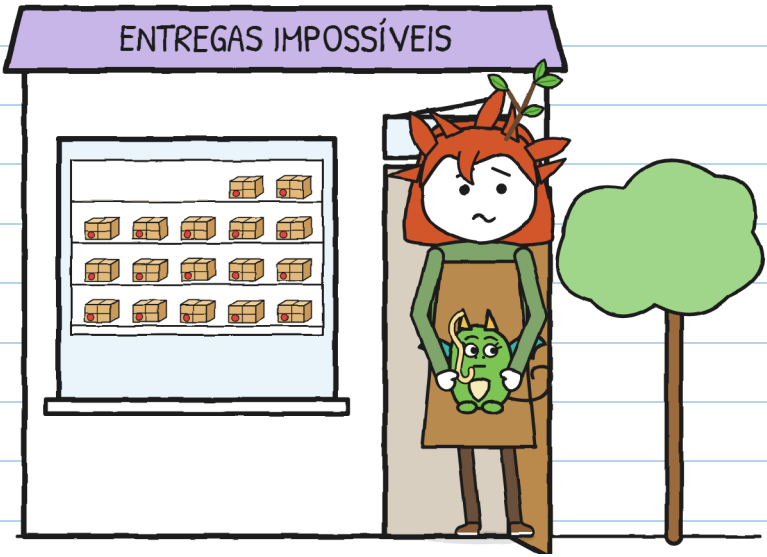


— E você não vai agradecer? — perguntou Júlia.

— O agradecimento e a reclamação. Os dois. Quando eu souber quem é R.

À uma da tarde, Vera entrou, com a Migalha no colo e um raminho no cabelo.

— Vim pedir ajuda. A Migalha já sabe decolar. Agora precisa de um lugar seguro para aterrissar. — Fez uma pausa. — Ontem ela escolheu a minha sopa.



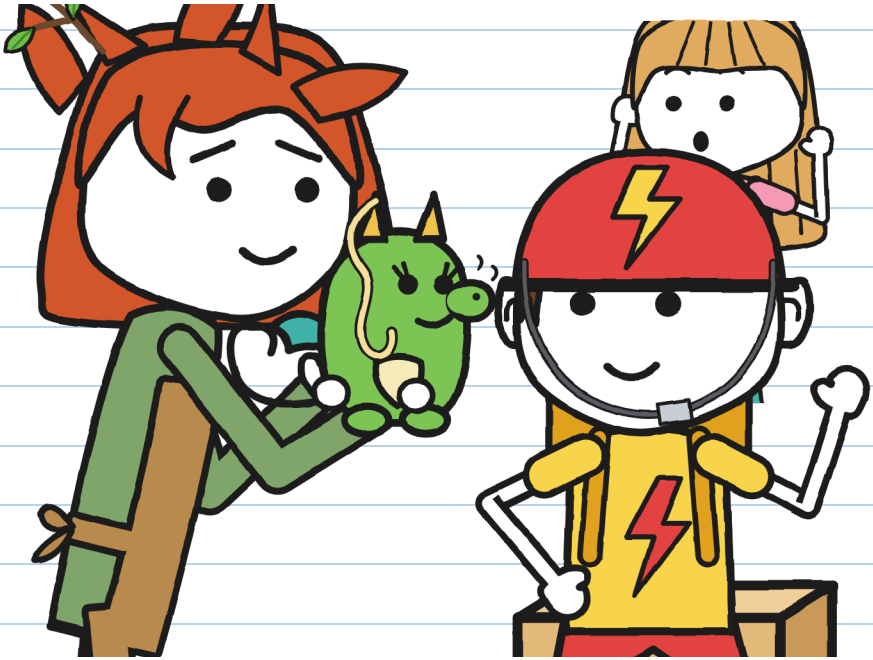
A Migalha olhou para mim e fez a minha cara de "não fui eu".

Igualzinha à sua. Com macarrão. —J.

— Você precisa de alguém rápido? — perguntou Toninho, da caixa.

— Preciso de alguém que saiba esperar — disse Vera.

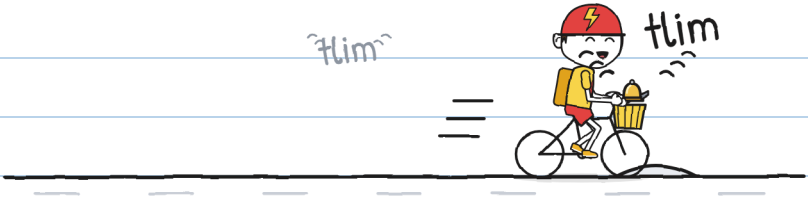
— Eu também sei. Desde esta semana.



Eu também sei esperar. Já deu? –J.

ENTREGA Nº 3. Quanto cada um demorou:

	RAIO: dez minutos.
	R.: anos.
	Toninho: seis dias.
	Júlia, ouvindo: onze minutos (recorde).

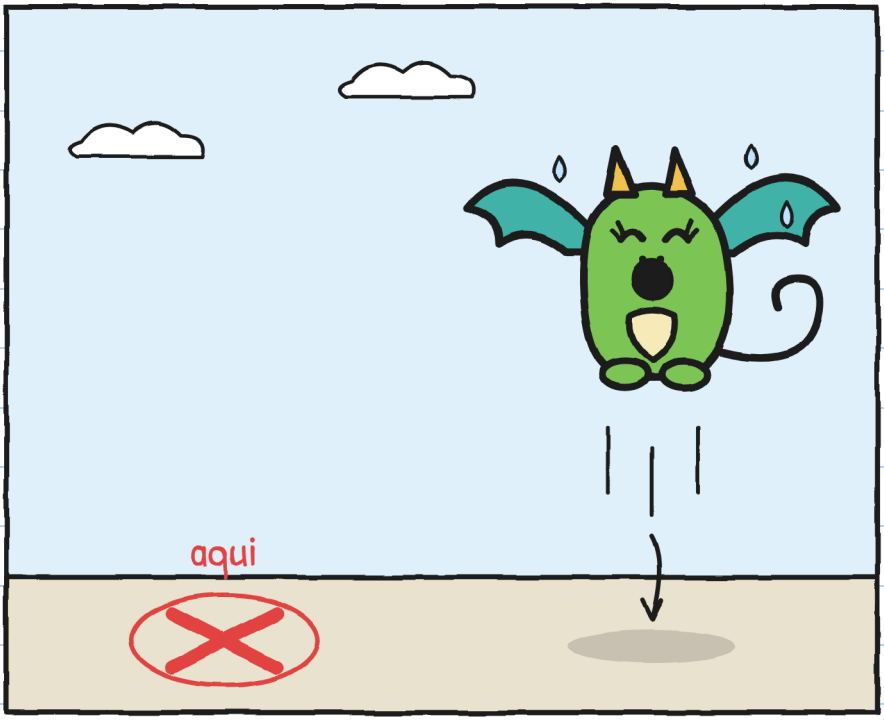


Toninho saiu para entregar. Na rua, soou: tlim. E outro. Desta vez, quem tocava o sininho era ele.

Eu ainda toco sozinha. Estou trabalhando nisso. –J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 4

(em breve)



Onde aterrissa um filhote de dragão que imita você? –J.

O BAIRRO (versão 3)



E VOCÊ, COMO SE CHAMA?

Chamavam o Toninho de Toninhozinho. Agora ele mesmo escolhe como se chama. E você?

Gosto que me chamem de...

Também podem me chamar de...

Prefiro que não me chamem de...

Eu sou a Júlia. "J." só quando assino. –J.

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

Tem seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L têm as mesmas páginas e os mesmos desenhos. O XL é um romance. Só muda o jeito de contar.

TAMANHO XXS · PRÉ-A1
MARA E TONINHO RIEM. ESTÁ VENDO A BICICLETA VERMELHA?

TAMANHO XS · A1
Mara quase riu. Toninho riu também. Eu não o via rir desde sábado.

TAMANHO S · A2
Mara fez um ruído, quase uma risada. Toninho riu também. Eu não o via rir desde sábado.

TAMANHO M · B1
Mara fez um barulho. Parecia uma risada. Toninho riu também. Não o via rir desde sábado.

TAMANHO L · B2
Mara fez um barulho que, em outra pessoa, teria sido uma risada. Toninho também riu. Eu não o tinha visto rir desde sábado.

TAMANHO XL · B2-C1
Romance ilustrado · 13+

Níveis do QECR indicativos, para quem aprende português.

Cada um no seu tamanho. Mesmo tlim. —J.

PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

BICICLETA DE VERDADE: O QUE FAZER

1. Capacete sempre, e bem afivelado. Também para ir "só aqui do lado".
2. Seja visto e ouvido: luzes, roupa clara e campainha. A campainha avisa; não manda.
3. As duas mãos no guidão. Se alguma coisa distrair você, pare num lugar seguro.
4. A calçada é de quem anda a pé: nela, bicicleta na mão. Antes de atravessar, pare e olhe.

O carimbo SÓ NA HISTÓRIA marca o que acontece na história e não acontece na rua.

ANTES DE SAIR, REVISE SUA BICICLETA

